



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS - CCI
GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Ana Paula Rios Cunha

Guerrilha do Araguaia e a vida cotidiana das mulheres
camponesas da Vila Santa Cruz dos Martírios

Araguaína/TO
2023

Ana Paula Rios Cunha

Guerrilha do Araguaia e a vida cotidiana das mulheres
camponesas da Vila Santa Cruz dos Martírios

Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do
Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI),
para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva.

Araguaína/TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R586g Rios Cunha, Ana Paula.

Guerrilha do Araguaia e a vida cotidiana das mulheres camponesas da Vila Santa Cruz dos Martírios / Ana Paula Rios Cunha. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2023.

29 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em História) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2023.

Orientador: Moisés Pereira da Silva.

1. Guerrilha do Araguaia. 2. Vida Cotidiana. 3. Mulheres camponesas.

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Ana Paula Rios Cunha

Guerrilha do Araguaia e a vida cotidiana das mulheres camponesas da
Vila Santa Cruz dos Martírios.


Monografia/artigo apresentado a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de licenciada em História foi avaliado para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08/12/2023


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MOISES PEREIRA DA SILVA**
Data: 14/06/2024 22:34:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva - Orientador (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS EDILSON DE ARAUJO CLEMENTE**
Data: 20/06/2024 22:02:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Examinador Marcos Edilson de Araújo Clemente - Membro interno (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 **WELLINGTON SAMPAIO DA SILVA**
Data: 17/06/2024 15:51:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Examinador Wellington Sampaio da Silva - Membro externo (IFTO)

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão a minha família, em especial, dedico meu mais sincero agradecimento à minha amada mãe, Patrícia, e à minha querida irmã, Maria Fernanda, por sempre me aguardarem com carinho a minha volta para casa nos fins de semana e feriados, enquanto eu me dedicava à graduação. Amo vocês mais do que tudo neste mundo, é desejando ver a felicidade em seus rostos que eu direciono meu futuro, mesmo quando a saudade aperta o peito diariamente.

Aos meus queridos colegas e amigos que foram meu suporte ao longo dessa jornada, meu agradecimento especial. À minha grande amiga e "gêmea" Amanda Araújo, e ao meu querido amigo Valdemar Júnior, a presença de vocês iluminou meus dias e tornou a caminhada menos nebulosa.

À professora Sariza Caetano, minha gratidão por segurar minha mão e dissipar minhas preocupações em relação à elaboração da pesquisa. Sua admirável dedicação e orientação foram essenciais para o meu crescimento acadêmico.

Não posso deixar de agradecer ao professor Moisés, à Maria Leal e aos demais monitores do Programa Alvorecer, que desempenharam papel crucial na pesquisa e extensão dos acontecimentos do Araguaia. Um agradecimento especial também à minha amiga Raffaella Paz, ribeirinha da Vila Santa Cruz dos Martírios, cujo apoio e contribuição com material bibliográfico foram inestimáveis para o sucesso desta pesquisa.

Em suma, agradeço a cada um que, de alguma forma, fez parte desta jornada.

RESUMO

A Guerrilha do Araguaia representou um episódio histórico caracterizado por violência, integrando-se a um contexto mais amplo, a Ditadura Civil-Militar. Esse trabalho resulta de uma investigação acerca do impacto da luta armada conhecida como Guerrilha do Araguaia na vida dos habitantes da região, com foco especial nas mulheres camponesas da Vila Santa Cruz dos Martírios. Optou-se por abordar a memória da vida cotidiana dessas mulheres como forma de captar as nuances do impacto da violência da Ditadura Civil-Militar na vida privada e coletiva da sociedade camponesa. A metodologia da história oral foi empregada como instrumento essencial na análise da memória das mulheres. Paralelamente, a pesquisa enfatizou a importância de investigar o cotidiano, com os estudos de Ágnes Heller desempenhando um papel fundamental. Como resultado, a pesquisa destacou a presença militar como um elemento central na configuração de um drama de longa duração, sendo este o enfoque central da presente comunicação.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia; Mulher camponesa; Cotidiano

ABSTRACT

The Araguaia Guerrilla was a historical event marked by violence, part of a larger context, the Civil-Military Dictatorship. This communication stems from research on how the people of Araguaia, particularly the peasant women of Vila Santa Cruz dos Martírios, were affected by the violence unleashed by the armed struggle known as the Araguaia Guerrilla. In this regard, the focus was on the memory of the daily lives of the peasant women of Vila Santa Cruz dos Martírios to capture the nuances of the Dictatorship during the disruption of their common world. As the memory of women became the subject of study, the methodology of oral history became a necessary tool in this research. On the other hand, it was crucial to conduct research on everyday life, with Ágnes Heller's studies being fundamental. As a result, the research indicated the military presence as the constitution of a long-lasting drama, the approach to which is the subject of this communication.

Keywords: Araguaia Guerrilla; Peasant woman; Daily

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 HISTÓRIA ORAL E A MULHER.....	10
3 VILA SANTA CRUZ DOS MARTÍRIOS.....	14
4 A GUERRILHA E A MEMÓRIA.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
7 ENTREVISTAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de abordar a figura feminina e seu cotidiano como sujeito de plena atuação na história, tanto em âmbito regional como nacional. Os dados apresentados foram obtidos através de entrevistas orais realizadas com duas mulheres camponesas da Vila de Santa Cruz dos Martírios, localizada na Serra das Andorinhas¹, ambas vivenciaram os acontecimentos da Guerrilha do Araguaia. Dona Madalena e Dona Vianês acompanharam de perto a chegada dos “revoltosos”² à Vila que até hoje se fazem presentes na memória da comunidade.

Considera-se importante dizer que essa pesquisa originou-se a partir da minha participação como monitora voluntária (posteriormente bolsista remunerada) do Programa Alvorecer da História, do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT- sob coordenação do professor Moisés Pereira da Silva. O Programa Alvorecer, envolvendo pesquisa e prática de extensão, buscou compreender a Guerrilha do Araguaia como movimento vinculado à Ditadura Civil-Militar e, como, no ambiente de violência agravado pelas disputas entre militares do Estado autoritário e militantes do PCdoB, os camponeses, especialmente as mulheres, foram afetados e afetadas por essa violência. A pesquisa, desde o início, contou com o protagonismo dos monitores, coordenador e tutor, o que foi feito a partir da discussão de textos, artigos e documentos a respeito da temática, o que nos preparou para o trabalho de campo, como também para a devolutiva, sob a forma de atividade de extensão. O estudo bibliográfico subsidiou o trabalho de pesquisa com a metodologia da História Oral. No percurso da pesquisa sobre o tema percebi ser incipiente os estudos da Guerrilha do Araguaia na perspectiva das mulheres, especialmente das mulheres da região, embora, tratando do protagonismo masculino, esse seja um campo que vem crescendo em termos de produções, sobretudo, vinculadas a programas de pós-graduação stricto sensu.

O referencial teórico na discussão sobre o cotidiano são os estudos da filósofa húngara Ágnes Heller, que em suas obras trabalha diversas questões acerca da vida cotidiana na sociedade e no meio social, demonstrando a relevância do cotidiano para a pesquisa e, em

¹ Atualmente área de proteção ambiental, o Parque Estadual da Serra dos Martírios / Andorinhas está localizado no sudeste do Pará, compreende uma área territorial de 3.269 km² entre o Rio Araguaia e a rodovia BR-153 (antiga OP), construída em 1972 pelo Exército Brasileiro. (GORAYEB, 2008)

² Expressão utilizada por dona Madalena e dona Vianês para se referir aos militantes do Destacamento B.

consequência, também para o ensino de história. Para Heller (2021), o cotidiano é o próprio tempo no qual se dá a vivência de um ser humano. O cotidiano é o espaço-tempo das experiências individuais e sociais. Interessou na pesquisa de que trata este artigo, o estudo do cotidiano da comunidade Vila Santa Cruz dos Martírios, especialmente aquilo que a memória de Dona Maria Madalena e Dona Vianês podem revelar desse cotidiano. A Guerrilha, seja na presença dos militantes do PCdoB, seja a partir da chegada da repressão, atravessou o cotidiano desta população por um longo período e ainda se faz presente em suas memórias.

HISTÓRIA ORAL E A MULHER

A Guerrilha do Araguaia surgiu como um movimento de resistência armada vinculado à luta contra a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) no Brasil. Situada geograficamente na região do Araguaia, o conflito impactou diretamente o sul maranhense, o sudeste paraense e o extremo norte de Goiás, hoje Tocantins. Muitos militantes foram feitos prisioneiros no Pará, depois vistos em Xambioá, do lado goiano, e desaparecidos em lugar desconhecido. A primeira campanha militar, a operação Mesopotâmia, ocorreu no Maranhão. Wellison Silva define essa operação como “uma ação do Exército brasileiro realizada no Bico do Papagaio, região localizada na tríplice fronteira entre os Estado do Pará, Maranhão e Tocantins. Executada na primeira quinzena do mês de agosto de 1971” (2023, p. 59). A escolha dessa extensa região pelos membros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) é justificada pelo partido (BRASIL, s/d) em função das características de “abandono” da população camponesa pelo poder público, além da violência em torno da posse da terra. Além disso, a divisão interna do PCB, do qual derivou o PCdoB, se fez a partir de divergências sobre a solução dos problemas brasileiros, entendidos pelo chamado partidão, o PCB, como solução político-democrática, e o grupo, que depois formou o PCdoB, entendendo a necessidade da luta radical, armada. Mas, o surgimento do PCdoB está vinculado a divergências internas em face não só dos problemas nacionais, Sales explica que “A origem das divergências que levaram à divisão do partido está relacionada aos problemas da política nacional nos anos 1950 e 1960, bem como à crise pela qual passou o movimento comunista internacional nesse período. (2017, p. 291).

Assim, a partir do final da década de 1960 o Comitê Central do partido iniciou os preparativos de um novo método de combate: a guerrilha rural, visto que a guerrilha urbana indicava fracassos e dificuldades diante da intensa repressão militar. Os membros do partido

se apoiavam em táticas estrangeiras de combate armado a partir da influência das experiências externas, sobretudo da Revolução Chinesa

O documento do próprio PCdoB (BRASIL, s/d) indica que, distante dos olhares da repressão; com baixa densidade demográfica, as características do terreno, com matas fechadas, a navegabilidade do rio Araguaia e os conflitos de terra, tornavam a região do Araguaia propícia ao projeto de guerra popular, a partir da formação de um exército camponês. No entanto, o movimento foi reprimido pelo Exército através de campanhas militares de combate na mata para capturar e exterminar os militantes e camponeses envolvidos na luta armada.

A memória camponesa das mulheres contatadas durante as atividades de pesquisa, a partir do Programa Alvorecer, me possibilitou conhecer as recordações da vida familiar, e a vida comum da comunidade, incluindo as relações da comunidade local com os membros do PCdoB. Ouviu-se também narrativas sobre pessoas da comunidade que participaram ativamente como aliados dos guerrilheiros ou colaboradores dos militares. De modo geral, a pesquisa possibilitou a percepção, em relação ao dia-a-dia da comunidade, o conhecimento dos momentos de ruptura e do impacto das mudanças no cotidiano camponês, especialmente quando das campanhas de caça e extermínio dos militantes do PCdoB, entre 1972 e 1974.

A mulher, assim como qualquer outro indivíduo, é sujeito da história. Enfatizar sua atuação e compreender como seu cotidiano foi afetado é o que norteou esta pesquisa, assim como as suas memórias sobre a guerrilha. A História Oral é o método de desvelamento destas memórias sendo fonte da nossa pesquisa, é metodologia típica da história do tempo presente, que tem maior proximidade com o objeto de estudo, uma vez que a fonte é a memória “viva” desvelada pelo entrevistado, considerou-se o método mais adequado aos objetivos desta pesquisa, que pensa a mulher, sujeito histórico enquanto existência e resistência no contexto da Guerrilha do Araguaia.

Optou-se, nesse sentido, pela trajetória de vida como tipo de entrevista mais adequada. Para Verena Alberti (2005), esse tipo de entrevista é conveniente quando a própria vida das pessoas é marcada pela temática de estudo, como é o caso de Dona Madalena e Vianês. Merece destaque também sobre esse modelo, as considerações de Thompson para ele:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

Este "resgate" assegura-se profundamente na memória humana, assim como a

capacidade do indivíduo em rememorar o passado trazendo o testemunho vivido. Esta memória compõe o indivíduo entrevistado, são fragmentos de seu passado representados através da fala, nas entrevistas. A entrevista não trata apenas das lembranças de um certo indivíduo, mas sim das memórias de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social. Compreende-se que estas memórias são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não.

A interação entre a mulher e a história oral demonstra a presença do elemento político no âmbito cotidiano e privado, desafiando a tradicional separação entre o domínio masculino e o domínio feminino. Essa interação reflete sobre o papel de atividades consideradas exclusivas das mulheres, tais como a estrutura familiar, a transmissão de valores culturais e religiosos, as responsabilidades diárias, as emoções e os vínculos afetivos. Michelle Perrot, ao destacar a superficialidade dessa fronteira e a interconexão desses espaços destaca que:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 2021, p.224)

Ao afirmar que "elas estão presentes aqui e além" e que "elas são diferentes", Perrot desafia estereótipos e ressalta a diversidade de experiências e práticas cotidianas das mulheres. A referência à racionalidade do poder sugere uma crítica à lógica opressora que tenta enquadrar e controlar as experiências femininas. Perrot ressalta a ativa participação das mulheres em diferentes espaços, desafiando a opressão e a submissão. No entanto, a resistência às expectativas tradicionais insere a mulher em terreno perigoso, sujeitas a uma repressão específica e brutal.

Relatos como o de Maria Amélia de Almeida Teles, militante do PCdoB que, presa na Operação Bandeirantes (OBAN), foi submetida a sessões de torturas — conforme documentos e depoimentos cedidos a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” — revela sua memória durante o regime militar, o artigo *Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura*, escrito pela própria militante, traz o seu e outros relatos que evidenciam a situação geral das mulheres brasileiras entre os anos de 1960 e 1970 enfatizando a participação de mulheres na luta contra a Ditadura Civil-Militar e o modus operandi do sistema repressivo misógino. Contudo, seu artigo relata o cotidiano militante das cidades, em nossa pesquisa, trataremos a memória feminina camponesa, que mesmo distante dos grandes centros,

foram alvos do mesmo caráter repressivo e machista da época.

Artigos recentes como *A Guerrilha do Araguaia na memória das mulheres de Xambioá TO: Práticas de cuidado e resistências do cotidiano*, de (MEDEIROS, et al. 2022); *A Guerrilha do Araguaia e a memória como direito na educação básica* (SILVA, et al. 2022a) e *O dever de contar: as variadas formas de narrativas de reconstrução da Guerrilha do Araguaia a partir da oralidade camponesa* de (SILVA, et al. 2022), demonstram, especialmente a partir da memória camponesa, a sobrevivência como resultado da luta cotidiana. As relações familiares, as sociabilidades de vizinhança e compadrio; as atividades coletivas que reforçavam os laços de solidariedade, tudo isso foi atravessado pela violência da repressão, e em tudo sofreram e precisaram resistir, mas mulheres. Essa é a outra história que começa a ser contada. Essa é a outra história para além da guerrilha como história dos feitos masculinos.

A outra história é a história das mulheres, mulheres inseridas no acontecimento histórico como pessoas atuantes. Os espaços ocupados pelas mulheres estão além daqueles que a sociedade lhes impõe. A Guerrilha do Araguaia foi cenário de um importante movimento na história do país, e este lugar foi ocupado por homens e mulheres, indivíduos que compartilhavam de um cotidiano de guerra, mas que apenas um dos lados teve reconhecida a relevância da atuação nos escritos históricos, o lado do homem, a exemplo a pesquisa de doutoramento de Wellington Sampaio (2019), que faz um levantamento da literatura sobre a Guerrilha do Araguaia, em sua pesquisa é notável a lacuna entre a narrativa masculina sobressaindo-se grandemente em quantitativo sobre a feminina. O estudo do cotidiano permite analisar e reconhecer as situações que compõem a vida humana, é possibilidade de interpretação social da realidade. Nesta perspectiva, a pesquisa busca articular determinados pontos existentes na teoria de Ágnes Heller sobre o cotidiano, relacionando-os com a história de vida de Dona Maria Madalena e Dona Vianês.

A teoria de Heller traz contribuições para a reflexão dos sujeitos sociais com base no cotidiano, que dá visibilidade aos processos macro e microssociais, assim realoca o indivíduo e a sua coletividade no centro do acontecer histórico. Segundo Heller (2021, p.35) “A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social”, portanto, para além de guerrilheiros, militantes e militares envolvidos no conflito armado, está entre eles a população urbana e camponesa a sobreviver na ruptura de seu cotidiano; esses indivíduos não distanciam-se do histórico, mas sim compõem o que ele é, assim compreendemos que a ordem do cotidiano está diretamente contida na história. A noção de cotidiano está relacionada com a história na medida em que se refere à vida humana. A vida cotidiana é ela própria ato histórico. A história, nessa

perspectiva, revela o social e permite ao indivíduo construir uma consciência sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. Apesar de Heller ter o foco de sua análise do cotidiano a partir do advento da época histórica em que vivemos – o capitalismo – esta pesquisa não o aponta como aspecto de discussão.

A associação entre cotidiano e história de vida possibilita contextualizar a vivência individual à história coletiva. A articulação desses fatores contribui para o entendimento da concepção de cotidiano na sua historicidade, que não se apresenta como mera motivação para o estudo do passado. À luz dos pressupostos dos historiadores marxistas, Ágnes Heller e E. Thompson, reconhecemos a relevância dos estudos do cotidiano como forma de fazer emergir as tensões sociais do dia a dia. Nosso objetivo não é tratar os temas da vida cotidiana das mulheres camponesas de forma isolada, mas sim de articulá-las aos processos históricos gerais no contexto da Guerrilha do Araguaia, e de modo mais amplo, à própria Ditadura civil-militar.

Portanto, as memórias das mulheres camponesas sobre a Guerrilha do Araguaia, considerando as mudanças ocorridas em seu cotidiano no contexto do conflito, possuem diferentes perspectivas dessa experiência a partir da forma como foram impactadas em seu cotidiano. Todavia, algumas dessas vivências, a exemplo do medo, constituem o elemento comum dessas experiências particulares.

As entrevistas dividem-se em: o cotidiano relacionado ao seu dia a dia antes da chegada dos militantes; em seguida, temos a vida cotidiana relacionada às novas presenças na Vila e na região; assim como essa presença afetou o segmento dos dias para as moradoras (positivamente ou negativamente), em terceiro temos o cotidiano alterado pela presença militar e a violência empregada por ela, por último a junção dos três momentos sob a ótica das consequências. A sua percepção sobre o que foi, como ocorreu e quando ocorreu a Guerrilha está totalmente relacionada aos impactos que ela causou às suas vidas cotidianas.

A vivência individual dessas mulheres carrega em si os dramas da coletividade no contexto de repressão. Mesmo singular cada experiência, todas compartilham um fator comum: o impacto que esse evento teve sobre suas vidas.

3 VILA SANTA CRUZ DOS MARTÍRIOS

Desde o início dos anos 1960 os integrantes do PCdoB que engajaram pela luta armada avaliavam a região do Bico do Papagaio, a floresta Amazônica teria papel decisivo, uma vez que, a mata fechada do Araguaia protegeria os militantes contra a artilharia pesada das Forças Armadas. Outro fator determinante era o abastecimento, às cidades das regiões não dispunham

de estrutura para alimentar e abrigar tropas militares. (MORAIS E SILVA, 2011).

Em primeiro momento o PCdoB planeja implantar três frentes guerrilheiras: Goiás, Maranhão e Pará. Sendo as duas primeiras descartadas posteriormente por falta de estrutura, a concentração parte para os municípios paraenses de Conceição do Araguaia, São João do Araguaia e Marabá. (MORAES E SILVA, 2011)

O Rio Araguaia foi protagonista, além de sua fartura em peixes, facilitava a movimentação de pequenas embarcações para suprir os destacamentos criados mata à dentro, as tropas do governo estariam à mercê do transporte terrestre por caminhos tortuosos, picadas, subidas e descidas (MORAIS E SILVA, 2011). O grupo guerrilheiro espalhou-se pela região e montou destacamentos próximo a chamada Serra das Andorinhas³, aviões e helicópteros teriam dificuldade nas ofensivas, a mata fechada limitaria a visão dos militares obrigando-os a buscar outras estratégias de avanço pela floresta, estratégias essas que os militantes já dispunham para chegar à região anos antes dos primeiros conflitos com as Forças Armadas.

A Vila Santa Cruz dos Martírios⁴ está localizada no sudeste do estado do Pará, município de São Geraldo do Araguaia situada na margem esquerda do rio Araguaia, confrontando com o Estado do Tocantins. O processo de ocupação dela se deu ao final do século XIX e início do século XX por migrantes de outros estados como Goiás e Maranhão, em busca de trabalho na extração de borracha, coleta de castanha-do-pará e em garimpos. (GORAYEB, 2008).

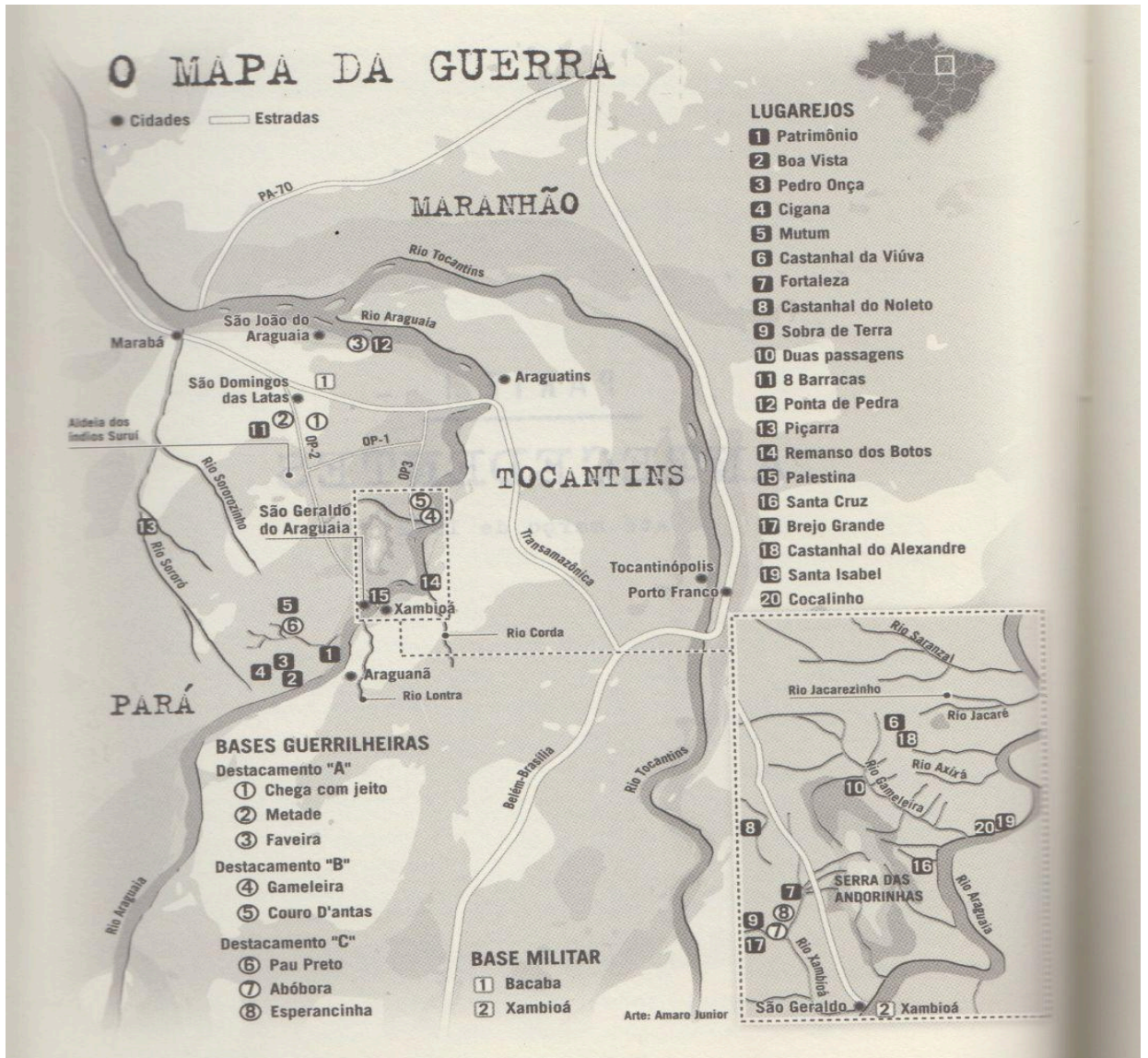
A pesquisa de Gorayeb (2008) não encontra informações a respeito dos primeiros habitantes ou da data de surgimento da vila Santa Cruz, mas pelos vestígios encontrados na região, como pinturas rupestres e materiais arqueológicos, aponta para a probabilidade de que a região tenha sido, inicialmente, uma aldeia indígena.

O acesso à Vila é feito através de duas vias; terrestre, por uma estrada aberta pela Prefeitura Municipal de São Geraldo do Araguaia, e a fluvial, pelo rio Araguaia. Atualmente ambas as vias de acesso são utilizadas para as atividades de turismo da região, a população dispõe de algumas acomodações aos turistas, sobretudo no verão, com diminuição do nível do rio.

³ O nome Serra das Andorinhas foi dado na década de 1970 pelos militares brasileiros que atuaram contra o movimento guerrilheiro. A localidade da pesquisa destaca-se pela presença dos guerrilheiros, sendo usada como ponto de “acesso” entre os destacamentos montados pelos militantes. (GORAYEB, 2008).

⁴ O nome da pequena vila apresenta variações em diversos documentos, sendo chamada de Santa Cruz; Ilha dos Martírios; Santa Cruz dos Martírios ou Santa Cruz das Andorinhas.

Figura 1 - Mapa da Guerra



Fonte: MORAIS E SILVA, 2011, p.18.

“O mapa da guerra” presente no livro *Operação Araguaia: Os arquivos secretos da Guerrilha do Araguaia* (FIGURA 1) de Taís Morais e Eumano da Silva apresenta os destacamentos guerrilheiros dispersos pela região. O número 16 representa “Santa Cruz” a Vila situada na Serra das Andorinhas. A localidade dos destacamentos é ponto chave para compreender a circulação tanto dos guerrilheiros quanto dos militares na Vila.

O vilarejo de Santa Cruz fica na região do Destacamento A, mas o Destacamento B está sempre por ali - o grupo de 23 guerrilheiros comandados por Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, um dos mais populares militantes do PCdoB no Araguaia, falante e prestativo. (MORAIS E SILVA, 2011, p.158)

É através da localização geográfica dos destacamentos no mapa acima que se tem uma ideia mais clara da posição da Vila em relação ao cenário do conflito. O mapa também ajuda a compreender a movimentação das Forças Guerrilheiras do Araguaia pela região. A Vila Santa Cruz foi uma das localidades atingidas diretamente pelas ofensivas militares em função da sua proximidade com o Destacamento B e pela presença de alguns guerrilheiros na Comunidade. A chegada da repressão, com a instalação do acampamento militar na Vila deixou marcas na memória do povo camponês até os dias atuais, especialmente na memória das mulheres, mais duramente afetadas pela chegada daqueles desconhecidos.

As ofensivas militares iniciam no ano de 1972 (MOURA, 1985), os soldados moviam-se floresta adentro pelas “picadas”, estradas e beira de grotas, rondando fazendas e observando os movimentos que vinham da mata. Entretanto, antes da primeira campanha das Forças Armadas, os militantes colocavam em ação seu plano de instalação e aproximação da população.

4 A GUERRILHA E A MEMÓRIA

Em nossa visita à Vila contamos com a entrevista de duas mulheres, Dona Vianês e Dona Maria Madalena. A primeira, dona Vianês, nascida na Vila Santa Cruz no ano de 1956, filha de pai maranhense e mãe paraense, foi criada junto aos sete irmãos, sendo ela e outro irmão mais velho do primeiro casamento de sua mãe e os outros cinco do segundo casamento, a época da guerrilha estava noiva de um homem apelidado de Paçoca e trabalhava como professora, sendo uma das primeiras na Vila, foi entrevistada junto à Dona Maria Madalena, nascida em 1964 filha do maranhense Carlos Vieira da Silva, que foi preso e torturado pelos militares pela sua proximidade com o guerrilheiro Osvaldo Orlando da Costa⁵, o Osvaldão. Os habitantes da

⁵ Osvaldo Orlando da Costa, conhecido como Osvaldão, destacou-se como esportista, engenheiro, oficial da reserva do Exército e membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), desempenhando um papel significativo na Guerrilha do Araguaia. Participando da luta armada, Osvaldão foi um dos primeiros guerrilheiros na região do Bico do Papagaio, próximo à fronteira entre Pará e Tocantins, onde foi visto pela última vez antes de ser oficialmente declarado morto, embora seus restos mortais nunca tenham sido encontrados. Antes de seu envolvimento na guerrilha, Osvaldão foi campeão de boxe amador no Rio de Janeiro na década de 1950 e tornou-se oficial de reserva do Exército após sua formação no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Posteriormente, buscou formação como engenheiro na Tchecoslováquia, aliada da União Soviética. Ao retornar ao Brasil, em 1966, liderou uma resistência armada no Araguaia, conquistando respeito e admiração pela população local. Sua figura inconfundível, caracterizada por sua estatura imponente e personalidade afetuosa, tornou-se uma lenda regional. Sua morte foi marcada por controvérsias e relatos de mutilação do corpo,

Vila mantinham em seu cotidiano voltado a agricultura de subsistência, plantando a chamada “roça” de milho, feijão e mandioca, a criação de gado era restrita aos grandes fazendeiros da região, estes também requeriam serviços em troca de pagamento mínimo ou ferramentas para plantio. Na cidade de São Geraldo do Araguaia os camponeses atuavam em pequenos trabalhos, como a mãe de Vianês que pegava encomendas de costura, outros habitantes vendiam produtos derivados do coco e hortaliças na feira semanal:

[...] A gente vivia de pescar, sabe? No rio, peixinho mesmo assim, a gente não tinha equipamento de pesca, pescava mesmo no anzol, aqueles peixinhos. [...] Nossa mãe era costureira, era alfaíata na cidade a nossa mãe, nessa época da Vila e aí minha mãe costurava dia e noite para comprar farinha, para comprar um litrinho de arroz [...] (Vianês, entrevista 09/11/2021)⁶

O Araguaia era fonte de alimento e transporte. Os poucos metros de distância das casas para o Rio não era apenas uma questão de proximidade geográfica, mas da imprescindibilidade dele à vida cotidiana dos moradores de Santa Cruz. O Rio facilitava a vida dos camponeses desde suas atividades cotidianas mais simples, como limpeza e lazer, às mais vitais, como alimentação e transporte. As memórias camponesas, são recortadas por lembranças de crianças que brincavam nas águas do Rio Araguaia e de agricultores que se refrescavam ao fim de um dia intenso de trabalho na roça.

Trata-se, pois de uma sociedade que vive uma economia de subsistência e que estabelece, ainda hoje, uma relação estável com a natureza, à medida que a produção é pensada na perspectiva da economia mínima, termo utilizado por Antônio Cândido para definir grupos camponeses cuja produção e sociabilidade se desenvolve nos limites da reprodução da vida, o que chama de “mínimos vitais e sociais (CÂNDIDO, 2003, p. 19). É essa sociabilidade que vai sofrer ruptura com a violência de que a Guerrilha do Araguaia é portadora. Até ali, como revelam as memórias de Dona Madalena e Vianês, persistiu a vida social definida pelas relações de compadrio e parentesco. A Guerrilha impôs a delação e a desconfiança de que o próprio pai de Dona Madalena foi vítima. Desencadeado o conflito, é de se supor a insegurança em relação àqueles que haviam se estabelecido como vizinhos de roça, amigos e compadres, os militantes do PC do B. Com a chegada dos militares, a própria amizade se revela um crime e a desconfiança se generaliza.

As entrevistadas recordam a presença de Amauri, um guerrilheiro que teria montado uma farmácia para atendimento da população. Sua atuação foi bem recebida, uma vez que a Vila não

movimentos eliminando vestígios do mito que ele representava. OSVALDÃO. Memórias da Ditadura, 2023. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/osvaldao/>>

⁶ Entrevista realizada em Palmas-TO no dia 09/11/2021

dispunha desse tipo de serviço, segundo dona Vianês:

[...] lá na Vila tinha um, que morava lá, que ficou lá também, que se instalou era do pessoal dos revoltosos na verdade né, que a gente chamava. Aí ninguém sabia que eles era também, chegou, se instalou lá, aí colocou o quê? ‘Pensô’ também ele, quando chegou pensou, não tinha onde comprar remédio nem nada, colocou uma mini farmácia. Aí, e colocou essa mini farmácia e ficava lá, lá assim, se cortasse e fosse com o pé cortado eles arrumava, costurava, fazia alguma coisa. E aí depois lá chegou o João padeiro, ficou todo mundo junto esse João lá. (Entrevista 09/11/2021)

Foi também essa a estratégia de infiltração adotada pelos militares. Dona Vianês relaciona a figura de ‘João padeiro’ a de um ‘policial’, narra as atividades da padaria como observação da movimentação da Vila. O homem teria chegado à região tempos depois de Amauri. Esse período marca a primeira quebra do cotidiano dos habitantes, dois homens agora estavam abrigados na Vila com ações distintas, contudo, a real intenção de suas presenças seria revelada apenas algum tempo depois. Sobre essa situação Dona Vianês lembra que “o João chegou depois, João andava o quê? Pesquisando, ele é tipo assim, vocês sabe, tipo detetive. Ele tava pra observar alguma coisa que ele já vinha de lá, já mandando lá pra Vila”. (Entrevista 09/11/2021)

Dona Vianês relembra que o homem era falante e ao mesmo tempo se embriagava com os camponeses para extrair informações dos companheiros de bebida, que não desconfiavam da sua identidade ou de suas intenções. A atividade de espionagem era estratégia de ambos os lados, tanto os guerrilheiros buscavam se introduzir na vida cotidiana da população quanto os militares investigavam a aparição de figuras que ameaçassem o regime vigente. As entrevistadas narraram que certo dia João desapareceu da Vila sem deixar rastros. A comunidade estranhou.

Em que pese a existência dessa memória, inclusive dos casos “amorosos” de Chico dos Cachorros, as presenças mais marcantes na memória das mulheres sobre a presença dos estranhos que se tornaram comuns, é dos guerrilheiros atuantes no Destacamento Gameleira, também identificado como Destacamento B:

[...] eu lembro assim, que primeirinha quem chegou pra cá foi o Osvaldão, aí assim, antes dos outros, entendeu? Aí chegou o Osvaldão, Doutor Murilo, e a Dina, Amauri e o outro que andavam procurando esse tempo que eu esqueci o nome [...].

[...] lá mesmo só tinha o Amauri lá com a gente sabe, e aí mas eles apareciam lá na Vila, eles apareciam, eles apareciam. O Osvaldo mesmo aparecia, eu lembro que ele era um ‘morenã’ bem alto e ‘muntava’ ‘num’ burrinho, era pequeno, os pés dele ficava quase arrastando no chão, de tão alto que ele era, alto e magro, bem grandão mesmo e as mulheres eu acho que era a Dina, a Dina que fez o parto de uma muié lá na Vila uma vez. (Vianês, entrevista 11/09/2021)

A base do Destacamento B ficava próximo ao rio Gameleira, região onde a Vila se

localizava, os guerrilheiros moram em três casas de madeira, cobertas com folha de babaçu. (MORAIS E SILVA, 2011, p. 99). A memória sobre os guerrilheiros está atrelada às atividades desenvolvidas por eles com a população, a presença de Dina destacava-se pelo seu desempenho em partos fazendo-a ganhar o respeito dos moradores pela quantidade de mulheres e crianças que salvou (MORAIS E SILVA, 2011, p. 114).

Com o cotidiano voltado à sua própria sobrevivência, as mulheres eram força de trabalho na roça, estavam encarregadas de executar tarefas físicas do início ao fim de uma temporada de plantação, eram também as responsáveis pelo abastecimento de água e comida para o marido e os filhos. No contato com a população, os guerrilheiros se obrigavam a prestar ajuda na medida do possível, assim como respeitar as famílias junto aos seus hábitos e costumes. (MORAIS E SILVA, 2011, p. 85). Aos poucos, os membros do partido começaram a ser inseridos nestas atividades e, conseqüentemente, fazer parte de seu cotidiano. A família de Maria Madalena mantinha contato direto com o guerrilheiro Osvaldão, que na época cooperava no plantio de roça com a família. A entrevistada lembra que “Aí ele trouxe esse burro, aí quando a gente chegou aqui ele foi pra roça do meu pai, aí ficou lá mais meu pai, trabalhando, plantando na roça. (Maria Madalena, entrevista 11/09/2021).

Os fins de semana, a família deixava sua casa na roça e dirigiam-se a Vila Santa Cruz, onde lá encontravam compradores de coco que vinham pelo rio, em um desses dias o guerrilheiro Osvaldão os acompanhava:

Aí nesse dia o Osvaldão veio com nós na rua, entendeu? Aí ele veio com nós na rua, aí ficou na ponta da rua, assim observando as coisas, aí acho que...ele era muito sabido, conhecia o que era uma polícia, nós não conhecia, né? Aí ele viu o Chico dos cachorros, o João padeiro. Aí quando ele chegou a noite ele falou, eu lembro como se fosse hoje, ele falou assim: “Ricardo (pai de Madalena), eu não vou poder ficar aqui contigo mais, e se chegar um dia, uma pessoa chegar aqui procurando por mim, você diga que eu não fiquei aqui com você. Porque se não, você vai, o negócio vai pegar para você. Eu vou ficar aqui escondido pelos mato aqui, enquanto tem um meio de eu sair, que tem gente na Vila perseguindo pra pegar a gente, entendeu? Que eles quer dizer que nós estamos terrorismo, mas nós não somos terroristas, eles quer pegar nós, aí a polícia vai vim atrás de nós. E não diga pra ninguém. Aí meu pai: Não, tudo bem, não falo nada não. Aí ele foi pro mato. (Maria Madalena, entrevista 11/09/2021)

Esta memória demarca novamente uma quebra no cotidiano da mulher, uma vez que as conseqüências desse contato iriam refletir por toda sua vida, a vida de sua família e aos demais moradores da Vila. Segundo a entrevistada, o guerrilheiro havia feito um buraco de esconderijo na mata, próximo a casa da família, quando precisava de suprimentos fazia barulho com um pedaço de pau, Madalena e o irmão levavam a carne seca de caça, farinha e água. Essa rotina seguiu por algum tempo, até que foram aconselhados pelo próprio militante a não irem mais ao

seu encontro para evitar que fossem perseguidos.

As entrevistadas dão conta de que um mês depois da chegada dos militares, provavelmente em alusão às primeiras campanhas de 1972, Osvaldão permanecia escondido na região apoiado pelas relações que estabelecera com os camponeses, a exemplo do apoio que lhe dava o pai de Dona Madalena. Foi nessa situação que a família de Madalena foi arrastada para a experiência mais obscura da repressão. O seu pai providenciou alimento a Osvaldão enquanto esse ficava escondido na mata, na região da roça da família de Dona Madalena. Em determinada ocasião, provavelmente acossado pela fome e pela solidão, o guerrilheiro deixou o esconderijo e se dirigiu à casa de Dona Madalena sob o pretexto de buscar fumo, tendo sido surpreendido nessa visita por um outro vizinho da família, que os delatou aos militares. Madalena recorda que:

Aí o pai foi e pediu pra ele não dizer, aí ele falou assim: “Não diga porque até você vai se complicar sozinho. Não diga que me viu aqui.” “Não, pode ficar tranquilo que eu não te vi.”, mas é que as pessoas gosta de uma fofoca num tem? Aí também ele foi embora.”(Maria Madalena, entrevista 11/09/2021)

Sob o véu do imaginário da fofoca se revela a revolta de Dona Madalena com a nova realidade imposta pela repressão, vizinho contra vizinho. Esse, aliás, é um aspecto pouco discutido na abordagem da relação da Guerrilha com a vida e o movimento camponês, como o Estado autoritário arrastou o povo comum ao labirinto da ambição, da perspectiva capitalista da terra e, em consequência do desejo de ter terras, dinheiro e, ou uma patente militar, a traição de vizinho contra vizinho, de amigo contra amigo e as duras consequências decorrentes dessas escolhas. No caso do pai de Dona Madalena, a prisão e um silêncio absoluto sobre o que passou nas mãos da repressão.

Nesse contexto de luta pela sobrevivência fugindo pelas matas de Osvaldão, Amauri já havia deixado a Vila, também às pressas. Dona Madalena recorda que a fuga desse guerrilheiro se deu por ocasião de uma data em que realizavam uma festa escolar na *Ilha dos Martírios*⁷. Amauri teria consigo um rádio, que segundo dona Madalena e Vianês, estava sempre com ele, e tendo ouvido alguma coisa nesse rádio, o guerrilheiro sumiu:

⁷A Ilha dos Martírios, com suas inscrições, permaneceu esquecida por muito tempo até que, na década de 80, as pesquisas arqueológicas na área destinada à construção da UHE de Santa Isabel, no rio Araguaia, a trouxeram de volta à notoriedade. Mesmo com a paralisação da obra e a retomada dos estudos em 2000, o interesse da Fundação Casa da Cultura de Marabá pelo patrimônio arqueológico e natural se concretizou por meio do Projeto Martírios do Araguaia, implementado a partir de 1987. Diversas equipes da FCCM conduziram estudos na ilha e na Serra das Andorinhas em fases subsequentes do projeto. O sítio TO-XA-01, localizado na Ilha dos Martírios, foi incluído no projeto devido à proximidade geográfica, similaridade com sítios no Pará e à relevância científica, turística e cultural para a região. A descrição detalhada do sítio, suas coordenadas geográficas e sua importância são apresentadas nas fichas de trabalhos de campo do Projeto Martírios do Araguaia.

Ele tinha um aparelho que quando ele tava mais ‘nois’ no piquenique alguém tocou nele alguma coisa lá, avisou pra ele alguma coisa aqui da Santa Cruz, já tinha alguém atravessando (o rio) para buscar ele, ou alguém de lá já veio deixar ele aqui na Vila correndo, assim bem rápido né. (Vianês, entrevista 09/11/2021)

Essa memória da desagregação dos estranhos que se tornaram amigos e vizinhos é tratada na obra de Taís Morais e Eumano Silva, trabalho de pesquisa com caráter jornalístico com narrativa corroborada por ampla documentação. Segundo esses pesquisadores, em meados de abril de 1972 os integrantes do Destacamento B (a qual Amauri atuava) receberam a informação de que o Exército havia invadido a base do Destacamento A. Então, os integrantes do Destacamento resolveram entrar na mata. Conforme narra Morais e Silva, “à tarde do dia 20 de abril é chegado a Xambioá um helicóptero da Força Aérea Brasileira (FAB), ele contava com cinco homens para atuar na de região de Santa Cruz”. (2011, p. 130).

Um dos integrantes do Destacamento B, conhecido pelo codinome Geraldo, havia sido capturado. Ele havia deixado sua base com objetivo de alertar os companheiros alocados no destacamento C, contudo acabou chamando a atenção de um grupo que estava à paisana enquanto cruzava a picada. Os membros de seu destacamento o aguardam seu retorno durante uma semana e acompanharam a distância a invasão em sua base no Gameleira. (MORAIS E SILVA, 2011).

A estrutura de repressão e as estratégias utilizadas pelo Estado autoritário estabeleceram um ambiente de terror que implicou na ruptura das sociabilidades camponesas e à própria cultura, até ali vinculada aos folguedos e às tradições típicas daquela comunidade. O medo passou a ser o sentimento dominante neste novo cotidiano. Com a primeira campanha, os membros do exército começaram a chegar de barcos na região, uma vez que seus transportes pesados não conseguiam atravessar a Serra das Andorinhas, como era previsto pelos guerrilheiros.

A gente via aquele barco vinha verdinho, verdinho, eles muito cheio sabe? Topadinho um no outro, todo mundo de arma, de arma, todo mundo, todo mundo. Ai quando chegou 1, chegou 2, chegou 3, aí começou chegando os helicóptero, o pessoal era subindo um descendo outro, uma semana já tava lotado ali. (Vianês, entrevista 11/09/2021)

A guerra não era travada apenas no campo das armas. Os militares apresentavam-se como em missão para capturar terroristas perigosos. Dona Vianês lembra que “Eles falavam que eles andavam atrás dos terroristas, que aquele pessoal era terrorista. Eu acho que na verdade talvez eles até pensariam ou pensavam que a gente também fazia parte”. (Vianês,

entrevista 11/09/2021).

No entanto, o discurso que apresentava os militantes do PC do B como terroristas conflitava com a atuação das forças armadas, que promovia o terror. O dia em que Osvaldão foi avistado por um dos moradores da Vila, amigo do pai de Dona Madalena, e também seu delator, resultou em um episódio traumático e violento na vida da camponesa. Ela narrou que:

[...] Aí nós...amanheceu foi cedo, nós tava deitada, quando nossa casa já tava cercada de polícia. Aí meu pai...nesse tempo as porta era de esteira, a nossa casa era de pau, as paredinha de pau, aí ficava assim coisando na parede (barulho), chamando: “É cara, quem mora aqui é o Ricardo?” Aí ele (o amigo do pai de Madalena), chamando papai, papai levantou, aí a polícia foi investigou, foi entrando dentro de casa assim oh (ahh), aí nós mais mamãe fumo acordemo, e eles estavam debaixo da cama, e pegando a roupa das cordas e jogando assim, as coisa tudo e caçando dentro de casa, na cozinha. E aí procurou o pai cadê o Osvaldão, aí pai “Não, ele tá aqui não!”, ele falou assim (militar): “Você sabe...você vai dar conta dele, esse rapaz disse que ele tá aqui.”. (Maria Madalena, entrevista 11/09/2021)

A ação dura por algum tempo, depois de pressionado diversas vezes, o pai de Madalena admite que o guerrilheiro esteve em sua casa, mas que já havia partido para o mato, sua confissão mobiliza os militares que o levam até a Vila Santa Cruz, onde estavam instalados.

Nós saímos, todo mundo caminhando só com a roupa do corpo. Aí eles botaram nosso pai na frente e nós atrás, aí ‘subimo’ todo mundo pra Vila. Quando chegamo na Vila, eles levaram o nosso pai pro acampamento deles. (Maria Madalena, entrevista 11/09/2021)

Maria Madalena relata que ela, sua mãe e irmãos encontraram abrigo em um depósito de coco de uma conhecida, enquanto o pai estava sob controle dos militares no acampamento. Em uma ocasião, ela conta que decidiu fugir de sua mãe e dirigiu-se ao acampamento em busca de notícias do pai. Ao encontrar um dos militares de guarda, após receber um pouco de comida do homem, ela solicitou permissão para que ela e sua mãe pudessem retornar à sua casa, “Aí eu falei assim: “Não, nós quer ir pra roça buscar arroz, coisa pra nós comer.” (Maria Madalena, entrevista 11/09/2021). Essa é a memória mais dolorosa da narrativa de Madalena:

Meu irmão foi lá onde eles, aí ele liberou pra nós ir. Aí nós ‘fumo’, quando nós ‘cheguemo’ lá na roça, era eu e dois irmão meu, nós ‘fumo’, quando chegou lá, a casa já tava queimada, não tinha mais nada, O pau de arroz tava assim só o ‘torrãozão’, sabe? Ainda tinha um pilão, o pilão tava queimando, nós ‘apaguemo’ o pilão, mas não tinha mais nada, tava tudo acabado, aí nós ‘voltemo’ pra trás. (Maria Madalena, entrevista 09/11/2021)

Agora já não lhes restava mais nada, haviam perdido seu plantio e sua casa, restando

apenas as memórias da vivência familiar. Tempo de penúria, vivendo de favores e dormindo num depósito é como dona Madalena define aquele momento. A entrevistada não sabe dizer por quanto tempo o pai ficou preso no acampamento e que mesmo após sua libertação ele nunca contou detalhadamente a quais castigos havia sido submetido durante sua prisão. Sem o pai e com a mãe fazendo serviços em troca de um lugar para dormir, Madalena depara-se com um novo cotidiano cruel, a luta pela sobrevivência se misturava ao medo, ela e sua família estavam a mercê das Forças Armadas.

A história de Madalena pode ser vista sob a perspectiva da representatividade, ou seja, poderia ser a história de muitas mulheres camponesas que foram afetadas pela Ditadura Civil-Militar, especialmente no episódio da Guerrilha do Araguaia. Os homens presos ou levados a colaborar na caçada aos guerrilheiros deixavam suas mães, esposas e filhas. Estas mulheres passaram a assumir ainda mais responsabilidades; lutavam pela própria sobrevivência e a de seus filhos, na esperança de que um dia todo aquele pesadelo chegasse ao fim.

Segundo Clóvis Moura (1985), à medida que as operações militares se ampliavam pela região, muitas casas eram queimadas; paíóis de arroz e milho eram destruídos. Lavradores foram presos, torturados e interrogados. Até árvores frutíferas foram cortadas nas operações militares para que os guerrilheiros não pudessem se alimentar de seus frutos, o que também privava o povo camponês que as haviam plantado.

Era um estado de intervenção completa nas vidas de pessoas que sequer sabiam da luta política de que a Guerrilha era objeto. Dona Vianês, noiva à época, lembra que a repressão passou a controlar todo o cotidiano, da pesca às visitas ao próprio namorado; tudo estava sob a vigilância e controle dos militares. As entrevistadas relatam a constante movimentação por parte dos militares que estavam sempre armados e circulando pela região, segundo Dona Madalena, “Eles dizia que não era responsável por alguém que saísse no meio da rua, porque se saísse, eles atirava, eles atirava até numa andorinha se passasse assim na sombra, eles atirava.” (Entrevista 09/11/2021). Além das rondas, o pânico era instaurado na população através de tiros ao alto, abordagens de revista nas casas e a presença de helicópteros sob a região durante as caçadas aos guerrilheiros infiltrados na mata:

Quando eles ia fazer aqueles tiroteio nera, atirava assim meio-dia, eles ficava (barulho de tiros). Aí saía aquele horror de polícia correndo nessa Santa Cruz, ali dentro, entrava dentro das casa caçando não sei o que.” (Maria Madalena, entrevista 09/11/2021)

Disso tudo resultou, como marca da Guerrilha, um trauma não superado por dona Madalena, que entra em pânico sempre que ouve som de voo de helicóptero, o que não é incomum já que atualmente a Vila está numa área que integra o Parque Estadual Serra dos Martírios-Andorinhas, PESAM. Isso demonstra que a presença dos militares na Vila Santa Cruz teve um impacto significativo na vida cotidiana das mulheres. A repressão cerceou suas liberdades, afetou seu modo de vida, alterou a vivência cultural da comunidade e violentou a própria intimidade pessoal das pessoas, especialmente das mulheres, surpreendidas nos momentos mais íntimos de suas vidas. Dona Vianês recorda que:

A gente tinha medo, tinha medo, muito medo. Aí às vezes que eu contei que a gente ia pro rio, a gente não ia pro rio só, era igual eu falei pra vocês, o comandante sempre falava pras...pros pais cuidarem das filhas, porque lá era só 'home', só 'home', muito 'home'. (Entrevista 09/11/2021)

Quando questionadas a respeito das interações diretas entre os militares e as mulheres da Vila as entrevistadas citam o medo constante da violência empregada pelos mesmos, contudo, durante as duas entrevistas afirmaram não conhecer qualquer ato de violência sexual:

Dona Vianês: “Não que alguém soubesse, mas não tinha não sabe porque? Porque lá era muito pequeno, pequeno assim entre aspas, mas dava que a gente conhecia tudo, a gente era colega, as moça menina tudo se conhecia e comunicava, então não tinha como. Aconteceu um caso lá com uma amiga minha, ela morou em São Geraldo e tá viva ainda a (nome da amiga), ela namorou com um sargento, mas foi só na ‘garro’, assim ‘garrano’, assim sabe mas ‘num’ nada demais.”

A narrativa de Dona Vianês revela um aspecto complexo das relações entre os militares e as mulheres da Vila, a descrição da comunidade como um espaço pequeno, onde todos se conhecem e se comunicam, sugere uma rede de relações sociais estreitas. Esse contraste entre o medo subjacente e a negação aparente de violência sexual destaca a complexidade das interações sociais, onde o silêncio e a minimização podem ser mecanismos de enfrentamento diante de um ambiente militar. Essa dualidade convida à reflexão sobre as dinâmicas de poder, consentimento e o impacto das estruturas hierárquicas nas experiências vividas pelo período militar.

Nesse sentido, a vida cotidiana, mesmo que seja considerada pouco relevante nos registros históricos convencionais, não deixa de ter importância na história de um indivíduo ou de uma comunidade, por mais simples que possa parecer. A afirmativa de Heller ressalta a irreversibilidade dos eventos no tempo. Para ela, o tempo histórico é marcado pela

irreversibilidade dos acontecimentos sociais (HELLER, 2021, p.15). Isso destaca a noção de que cada ação, por menor que seja, contribui para a construção da história, desafiando a ideia de que apenas eventos grandiosos merecem ser lembrados.

A compreensão da vida cotidiana como parte integrante do tempo histórico reforça a importância de considerar as experiências e ações cotidianas como elementos fundamentais na compreensão mais ampla e inclusiva da história. A ofensiva militar trouxe diversas mudanças à vida cotidiana da Vila, o cotidiano está inserido na dinâmica das transformações, sobretudo na vida humana. A presença militar, portanto, não apenas alterou a dinâmica social da comunidade, mas também teve um impacto palpável na vida e na segurança das mulheres que ali vivem.

A análise das memórias das mulheres camponesas sobre a Guerrilha do Araguaia, em paralelo com a perspectiva histórica de Heller sobre a irreversibilidade dos acontecimentos sociais, reforça a ideia de que mesmo as vivências consideradas mais simples são intrinsecamente parte da construção histórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Da história, muitas vezes a mulher é excluída”. (Perrot, 2021, p.137)

Esta pesquisa alinha-se com os princípios destacados no livro *História Oral e História das Mulheres: Rompendo Silenciamentos*, organizado por Martha Gouveia de Oliveira Rovai, que enfatiza a potência da história oral e sua capacidade de evidenciar as mulheres nas construções narrativas da história. Esta abordagem não apenas destaca as experiências femininas, mas também contribui para uma compreensão mais inclusiva e plural do acontecer histórico.

A escolha pela história oral não se resume a escapar do teor oficial das fontes dominadas pela perspectiva masculina, mas sim a um compromisso político de escuta atenta e ética, proporcionando voz às mulheres que lutam contra o silenciamento social e histórico. A obra de Rovai (2017) representa um testemunho da resistência e da luta persistente dessas mulheres por reconhecimento e justiça, contribuindo significativamente para o entendimento mais amplo das questões de gênero na sociedade.

A narrativa do cotidiano das mulheres camponesas da Vila Santa Cruz dos Martírios traz o peso de um acontecimento histórico pouco trabalhado fora das universidades, limitando-se a pesquisas acadêmicas que dificilmente são difundidas no ensino de história. A realidade diária destas mulheres, que tiveram suas vidas marcadas pela violência da repressão,

revela a profundidade da temática. Em síntese, a pesquisa sobre as memórias dessas mulheres proporcionou uma visão penetrante e sensível sobre as complexidades do cotidiano durante este episódio da história nacional.

A interdição da memória sobre a Guerrilha do Araguaia, extrapolando os esforços repressivos do Estado, torna-se ainda mais saliente quando contextualizada nas narrativas não apenas das mulheres camponesas do Araguaia mas também das mulheres brasileiras que viveram o período ditatorial. A invisibilidade histórica dessas experiências, exacerbada pelo silêncio curricular, destaca a relevância do estudo centrado no cotidiano durante a ditadura militar. A interdição da memória é confrontada pelo compromisso em efetivar o direito à memória, especialmente no âmbito educacional, onde a história oral emerge como uma ferramenta essencial na construção de um conhecimento mais abrangente e representativo.

A concepção da memória como um direito na Educação Básica, respaldado pelos princípios de igualdade de direitos e dignidade consagrados na Constituição Federal, especialmente no Artigo 5º e Artigo 210. Fundamentado também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o postulado reconhece a memória como uma ferramenta essencial para a emergência da história dos povos do campo na região do Araguaia-Tocantins.

Nessa perspectiva, a pesquisa e a extensão, bem como os fundamentos das práticas de ensino, se alinham à compreensão de que a consciência histórica se desenvolve na ligação dos sujeitos com suas próprias vidas e a leitura do tempo (Silva, 2022, p. 108).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 10ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

GORAYEB, Paulo Sérgio de Sousa. **Parque Martírios-Andorinhas**. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

HELLER, Ágnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda, Euclides Antunes de Medeiros, e Wiris Orimar Ferreira. A Guerrilha do Araguaia na memória das mulheres de Xambioá-TO: Práticas de cuidado e resistência do cotidiano. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n.10, p. 200-215, ago. 2022. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7491>>.

Acesso em 23 out. 2023.

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha**. Geração Editorial, 2011.

MOURA, Clóvis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

ROVAI, Martha (org.). **História Oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2017.

SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290–311, 2017. DOI: 10.5965/2175180309212017290. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309212017290>. Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, M.; CLEMENTE, M. E.; DE OLIVEIRA, J. M. A Guerrilha do Araguaia e a memória como direito na educação básica. **Escritas do Tempo**, v. 4, n. 11, p. 91-112, 9 set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1865> Acesso em 20 de out. 2023.

PEREIRA DA SILVA, M.; DE OLIVEIRA, R.; LEAL PINTO, M.; SILVA MARQUES, K. H. O DEVER DE CONTAR: AS VARIADAS FORMAS DE NARRATIVAS DE RECONSTRUÇÃO DA GUERRILHA DO ARAGUAIA A PARTIR DA ORALIDADE CAMPONESA. **REVISTA DE LETRAS - JUÇARA**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 373–398, 2022. DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2828. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2828>. Acesso em: 23 jun. 2024. Acesso em: 9 ago. 2023.

SILVA, Wellisson Rafael Barros; VERAS, Rogério de Carvalho. **Memórias da Operação Mesopotâmia: Silêncios e traumas da repressão ditatorial na fronteira amazônica**. p. 59-75. In: SOUSA et. al (orgs.). *Memórias, educação e religiões dos Povos Amazônidas*. Ponta Grossa: Athena Editora, 2023.

SILVA, Wellington Sampaio da. **Livros em guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia (1978 - 2015)**. 2019. 260f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/40698>. Acesso em 31 de nov. 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e terra, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, p. 1001-1022, set. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p1001>. Acesso em 9 ago. 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

7 ENTREVISTAS

Maria Madalena e Vianês Américo. Vila Santa Cruz dos Martírios - Pará, entrevista em 11/09/2021.

Vianês Américo. Palmas - Tocantins, entrevista em 09/11/2021.